



# BULLYING

## no jardim de infância

©matijedak/Sistockphoto



**Alexandre Ventura**  
Ex-vice-ministro da Educação de Portugal. Professor no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. Doutor em Ciências da Educação e palestrante



**Rosângela Ventura**  
Pedagoga, ex-professora e coordenadora pedagógica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), do Sistema Fibra-SESI/DF. Participa em projetos internacionais de consultoria e treinamento de professores e equipes pedagógicas sobre bullying

**B**ullying? No jardim de infância? Se a sua reação é de incredulidade, precisa mesmo ler este artigo. Célia, uma linda menina de 5 anos, foi morta por dois coleguinhas da mesma idade enquanto brincavam. Isso aconteceu sob a supervisão de adultos que se distraíram por minutos, apesar de estarem bem próximos. Sim, essa é uma tragédia real. Aconteceu na Noruega e foi um dos fatos determinantes para que toda a sociedade norueguesa passasse a ver o bullying como um problema social sério e procedesse a alterações em nível de legislação. Programas de prevenção e combate foram implementados. Hoje, a Noruega, com seu longo histórico de proteção aos direitos das crianças e jovens, é uma das referências mundiais nas estratégias contra o bullying.

O bullying é uma forma de violência psicológica, verbal, física e até virtual perversa. Trata-se de um fenômeno inerente à condição humana, manifesta-se em todas as idades e nas mais diversas circunstâncias e contextos. O segmento da educação infantil continua a constituir, no imaginário dos adultos, uma espécie de santuário purificado onde não ocorrem ações maldosas. É imperativo desmistificar essa concepção edulcorada da infância e alertar para a necessidade de pesquisar profundamente o bullying nessa fase.

As crianças têm o direito de ser educadas num espaço sem violência, elas não podem ter medo de ir à escola. Precisamos discutir o assunto institucionalmente e de maneira preventiva. Embora esse fenômeno não seja exclusivo do

meio educativo, é na escola que o agressor (*bully*) se refina, oprime e, muitas vezes, desfere os golpes mais dolorosos em suas vítimas. A entrada na educação infantil, ou seja, o primeiro contato com outras crianças da mesma idade e com adultos, que não os do seu círculo familiar, é para algumas uma experiência traumática. Ainda mais quando se tornam vítimas dos seus colegas. Estar sujeito a essa forma de violência pode deixar sequelas graves e comprometer o desenvolvimento social, cognitivo, psicológico e físico das crianças.

A tragédia com que iniciamos este texto é ponto de partida para propormos maior atenção ao bullying em idade pré-escolar na sociedade brasileira. A história de Célia poderia ser a de um filho, sobrinho, vizinho, aluno nosso. Os envolvidos tinham características semelhantes às das crianças dos nossos jardins de infância. Poderíamos também ser pais ou professores de uma das crianças que agrediram a colega até à morte. E se assim fosse? Que tratamento daríamos a uma criança que cometesse esse ato? A sua vida estaria acabada aos 5 anos? A grande pergunta é: quão preparados estamos para lidar com o bullying na educação básica e, principalmente, na educação infantil no Brasil?

O tema tem que ser prioridade na agenda educacional. As nossas análises preliminares constataam que tem sido adotada a "estratégia do avestruz". Os poucos estudos feitos no Brasil sobre bullying nesse segmento tão precoce e a nossa experiência, por meio de pesquisa e da realização de trabalhos de consultoria e formação de membros de comunidades educativas, revelam que os programas de combate ao bullying ainda não fazem parte dos projetos político-pedagógicos de muitas das escolas brasileiras. Globalmente, e em particular na educação infantil, o tema ainda é subvalorizado por muitos estados e municípios.

Esse fenômeno social complexo deixa marcas nas personalidades dos envolvidos. Frequentemente, as vítimas distinguem-se do grupo pela aparência física, timidez, ou por diferenças étni-

cas, econômicas ou religiosas. Contudo, alguém pode tornar-se vítima só por ser fisicamente bonito, ou bem-educado. Os agressores são mais propensos a atos violentos e até criminosos na fase adulta. As vítimas adquirem tendência para patologias de foro emocional, físico e psicológico, bem como características de menor assertividade e dificuldades de relacionamento. As testemunhas, ativas ou passivas, sofrem com as memórias atormentadoras e o sentimento de culpa pelo envolvimento em situações de violência contra seus pares. Sofrer bullying na idade pré-escolar leva a humores depressivos e a alterações de comportamento. É consensual entre os pesquisadores que a prevenção deve começar o mais cedo possível.

Prevenir e combater o bullying pode salvar vidas. Muitos dos casos de suicídio de crianças e adolescentes estão relacionados ao fato de terem sofrido bullying e optado por um último gesto desesperado para acabar com o sofrimento. Tem que haver investimento em programas de enfrentamento ao bullying por parte das instituições e com a participação de toda a comunidade educativa. Os pais, professores e auxiliares precisam estar atentos a alguns sinais. As vítimas dessa faixa etária apresentam sintomas psicossomáticos, emocionais e físicos como cefaleia, náusea, dores abdominais, enurese, insônia, medo, estresse e depressão.

Há inúmeras situações aparentemente inocentes passíveis de mascarar a existência de bullying. Podemos encarar como normal que algumas crianças estejam "brincando juntas de casinha", sem notarmos, a não ser com uma observação mais cuidadosa, que uma delas é geralmente a que faz papel de cachorro da família ou de empregada doméstica. Isso pode induzir bullying.

São três os componentes fundamentais do bullying em qualquer faixa etária: o caráter intencional da agressão, o desequilíbrio de poder entre o(s) agressor(es) e a vítima e o caráter contínuo da violência. Um *bully* de 5 anos já identifica a vítima que potencialmente não reagirá ao seu ataque e escolhe os momentos e locais mais discretos para atacar. Sim, alguns dos nossos "anjinhos" foram flagrados, por câmeras de vídeo, provocando ou mesmo batendo dissimuladamente em colegas nas filas, nas salas, nos corredores, na cantina. E o mais alarmante é que, muitas vezes, as vítimas, intimidadas, não denunciavam a agressão.

Os pequeninos agem normalmente sem intenção de machucar. No entanto, atuam muitas vezes como pequenos sociopatas que não têm ainda os limitadores sociais que restringem o uso de violência para impor vontades e resolver conflitos. Um dos grandes desafios no combate ao problema é precisamente a distinção entre vitimização e atos agressivos variados. Professores, pais e crianças devem ser ensinados a fazer tal distinção.

Há crianças que, desde muito cedo, se impõem pelo grito, pelo choro, por birras. Há outras que muito novas aprendem que, se forem "fofinhas", conseguem manipular situações para terem o que querem. É logo no jardim de infância que as crianças precisam aprender a ouvir *não*. A sociedade em que vão crescer está cheia de regras, e a obediência é necessária para que haja ordem. Quanto mais cedo ocorrer a intervenção, maiores as possibilidades de alterar os comportamentos dos envolvidos no bullying. As vítimas, as testemunhas e os agressores têm o direito de desenvolver suas competências cognitivas, sociais, afetivas, cívicas. Precisamos saber com profundidade o que está acontecendo nos nossos jardins de infância, prevenindo e combatendo racionalmente os malefícios do bullying. ■

[alexandre.ventura@ua.pt](mailto:alexandre.ventura@ua.pt)

[rosangelasantos.ventura@gmail.com](mailto:rosangelasantos.ventura@gmail.com)

